

ANÁLISE DO FILME “AVATAR”: UMA APROXIMAÇÃO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA

ANALYSIS OF THE FILM “AVATAR”: AN APPROACH TO CRITICAL ENVIRONMENTAL EDUCATION

Ricardo Campos Queixas¹, Julia Amorim Monteiro², Marina Battistetti Festozo³, Antonio Fernandes Nascimento Junior⁴

Recebido: março/2024 - Aprovado: maio/2025

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar o filme Avatar (2009), de James Cameron, e busca encontrar enunciados que possibilitem abordar discussões sobre Educação Ambiental Crítica e contribuir com a compreensão da realidade em sua totalidade. Valemo-nos da metodologia da pesquisa qualitativa, sendo a Análise Dialógica do Discurso do Círculo de Bakhtin nosso referencial teórico-metodológico. Percebemos a existência de um profícuo diálogo entre a Arte e a Educação Ambiental, que possibilita problematizar situações vivenciadas em nossa sociedade, marcada por explorações desenfreadas da natureza sem demonstrar preocupação com o âmbito social. Na análise suscitaram três enunciados que podem contribuir com as discussões para a compreensão da realidade do Brasil e com as discussões acerca da Educação Ambiental Crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental Crítica, Cultura, Enunciado, Arte, Cinema.

- 1 <https://orcid.org/0000-0002-1754-3605> - Mestre em Educação Científica e Ambiental pelo Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Ambiental, pela Universidade Federal de Lavras (2021). Possui graduação no Bacharelado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (2005) e Licenciatura pelo Centro Universitário ETEP (2023). É membro do Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental (GPEA/CNPq), Unesp, Bauru/SP desde 2015; e membro do Grupo Jaci de Estudos em Educação Ambiental Crítica (UFLA) desde 2019.
- 2 <https://orcid.org/0000-0001-9639-6270> - Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná em 2023. Graduada em Ciências Biológicas (licenciatura plena), pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) em 2020.
- 3 <https://orcid.org/0000-0002-1580-164X> - Doutora e mestra em Educação para a Ciência, pelo Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência, da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp) de Bauru/SP (2015 e 2009). Possui graduação em Ciências Biológicas (Bach./Lic.) pela Unesp de Botucatu/SP. Em 2013 realizou estágio de doutorado sanduíche na Universidade de Liège, na Bélgica. É docente da Universidade Federal de Lavras (UFLA) no curso de Ciências Biológicas no Setor de Educação Científica e Ambiental, e atua como orientadora dos Estágios Supervisionados e Professora Permanente no Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Ambiental. É membro e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental (GPEA/CNPq, Unesp de Bauru/SP), e coordenadora do Grupo Jaci de Estudos em Educação Ambiental Crítica (UFLA), atuando principalmente nas áreas de Educação Científica, Educação Ambiental e Formação de Professores.
- 4 <https://orcid.org/0000-0003-1326-8113> - Doutor em Educação para a Ciência, Faculdade de Ciências da UNPESP campus Bauru/SP em 2010, e doutor em Ciências Biológicas (Genética) pela Universidade de São Paulo (USP) campus de Ribeirão Preto em 1985. É professor associado da Universidade Federal de Lavras atuando como Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Ambiental e no curso de Ciências Biológicas nas disciplinas de Metodologia de Ensino de Ciências e Biologia e História e Filosofia da Biologia. Tem experiência na área de Ensino de Ciências e Biologia, atuando principalmente nos seguintes temas: História e Filosofia da Ciência e Biologia, Práticas pedagógicas, Educação Ambiental, Produção de Material Didático, Jogos Pedagógicos e Formação de Professores.





ABSTRACT: This study aims to analyze the film Avatar (2009), directed by James Cameron, and seeks to identify utterances that can foster discussions on Critical Environmental Education and contribute to a comprehensive understanding of reality. We employed qualitative research methodology, with the Dialogical Discourse Analysis of Bakhtin's Circle as our theoretical and methodological framework. We observed a fruitful dialogue between Art and Environmental Education, which allows us to problematize situations experienced in our society, characterized by unchecked exploitation of nature without concern for the social sphere. The analysis revealed three utterances that can contribute to engaging discussions on understanding the reality of Brazil and on Critical Environmental Education.

KEYWORDS: Critical Environmental Education, Culture, Utterance, Art, Cinema.

1. Introdução

A trajetória humana mantém uma estreita e fundamental ligação com o ambiente natural, reforçando a ideia de inseparabilidade entre esses dois elementos, uma vez que a existência de um é intrinsecamente conectada à interação com o outro. O entendimento da espécie humana é resultado direto de sua profunda e complexa relação com o meio ambiente, com seus semelhantes e consigo mesma. É nessa interação multifacetada e enriquecedora que se forja a Cultura, um fenômeno essencial, dinâmico e indispensável para a construção da identidade tanto de homens quanto de mulheres.

Conforme Marsiglia e Martins (2013) argumentam de maneira consistente, o complexo processo de humanização exige a apropriação do legado produzido, incorporado, superado e transformado por gerações anteriores. Este intrincado processo nos conduz, portanto, não mais a um domínio natural, mas sim ao vasto universo da Cultura. Em outras palavras, a humanidade não é inata; ao contrário, ela se desenvolve de forma intrincada por meio da absorção, interpretação e recriação constante de conteúdos culturais, um fenômeno que frequentemente se desdobra no âmbito educacional.

A Educação, portanto, emerge como um importante veículo nesse complexo processo, ao promover a integração de indivíduos com os diversos elementos culturais que podem moldar suas percepções de mundo. A Arte, em suas múltiplas manifestações, pode desempenhar um papel de destaque como um desses componentes fundamentais. Mesmo sendo distintos, esses campos se entrelaçam quando os sujeitos, imersos no contexto do mundo, assumem a responsabilidade ativa pela criação que responde de maneira significativa à complexidade da existência (BAKHTIN, 2020 [1919]).

A Arte e a Ciência, portanto, não apenas respondem, mas também desdobram respostas às indagações cotidianas da Vida. Em relação à Arte, discernimos nela “uma experiência que possibilita a integração da vivência singular e isolada de cada ser humano com a experiência coletiva da humanidade” (RIZZI, 2002, p. 65). Desta forma, ela se apresenta para a problematização do contexto complexo de nossa sociedade. Ressaltamos, de acordo com a autora, que a Arte não deve ser somente instrumentalizada no ato educativo. Neste contexto, compreendemos que a Educação Ambiental (EA) pode desempenhar



um papel de problematização, promovendo reflexões críticas sobre a interação humana com o meio ambiente e a cultura.

No âmbito das discussões sobre EA, é essencial observar a diversidade de fundamentos e abordagens existentes. Layrargues e Lima (2014), ao categorizarem a EA, identificam três macrotendências: conservacionista, pragmática e crítica. Enquanto as duas primeiras, rotuladas como conservadoras, se abstêm de questionar profundamente a estrutura capitalista da sociedade, a abordagem crítica destaca a necessidade de integrar a Cultura nas reflexões sobre o meio ambiente.

Destarte, a perspectiva crítica propõe uma análise mais profunda e contextualizada, reconhecendo a importância de considerar aspectos culturais e subjetivos para uma compreensão abrangente das interações entre seres humanos com e no ambiente. Assim, ao se identificar com a macrotendência crítica, a Educação Ambiental pode superar limitações conservacionistas e pragmáticas, e pode contribuir para abordagens alinhadas aos desafios ambientais contemporâneos e integradas às discussões na esfera social. Ao abordar as relações com o ambiente, revela-se vital para uma compreensão aprofundada da sociedade e para a exploração de alternativas em sua estruturação.

Essas considerações ecoam também em elementos culturais, sendo o Cinema um desses componentes que proporciona um terreno fértil na tentativa de enriquecer o diálogo entre a Educação Ambiental Crítica e a Arte. Sob essa perspectiva, Barbosa (2003) ressalta que, por meio da Arte, é possível não apenas desenvolver a percepção e a imaginação, mas também apreender a realidade do meio ambiente. A capacidade crítica é cultivada, ao permitir ao indivíduo analisar a realidade percebida e, de maneira ainda mais significativa, desenvolver a criatividade como meio de alterar a realidade. Esse enfoque sublinha o papel catalisador da Arte no processo educacional, ao proporcionar uma plataforma única para a expressão de ideias e reflexões críticas, sobretudo no que tange às questões ambientais. Ao integrar a Educação Ambiental Crítica com a Arte, pode-se abrir espaços promissores para a formação de indivíduos mais conscientes, criativos e comprometidos com a transformação do seu entorno e da sociedade como um todo.

No âmbito desta pesquisa, procuramos fomentar esse diálogo ao investigar a obra cinematográfica “Avatar” (2009), dirigida por James Cameron. Desse modo, o propósito fundamental deste estudo é realizar uma análise, que visa identificar enunciados que possam subsidiar a abordagem de discussões pertinentes à Educação Ambiental Crítica. Assim, almejamos contribuir para a obtenção de uma compreensão mais ampla e abrangente da realidade em sua totalidade, ampliando as perspectivas sobre as interações entre a sociedade, o meio ambiente e as práticas educacionais que visam a conscientização ambiental. Este escopo, permeado por uma abordagem crítica, visa não apenas analisar a película como uma expressão artística isolada, mas, sobretudo, contextualizá-la em um diálogo mais elaborado e relevante para/com a Educação Ambiental Crítica.



2. Metodologia

Este estudo se enquadra na metodologia qualitativa de pesquisa, uma abordagem dedicada a um nível de realidade que escapa à quantificação, desenvolvendo-se a partir de questões amplas que se delineiam à medida que o estudo avança, conforme ressaltado por Minayo (2009). A escolha dessa abordagem se justifica pela natureza do objeto de estudo, que demanda a interpretação de elementos simbólicos, culturais e sociais presentes na obra, indo além da simples mensuração quantitativa. A análise qualitativa possibilita uma compreensão mais profunda e contextualizada, e explora as nuances e significados da narrativa cinematográfica.

Para a análise aprofundada do filme, decidimos adotar a Análise Dialógica do Discurso, fundamentada teoricamente no Círculo de Bakhtin no início do século XX. Esse enfoque, proposto por Bakhtin e demais autores, sugere que a comunicação é um processo que se desdobra em dois momentos distintos: a enunciação realizada pelo falante e a compreensão por parte do ouvinte (VOLÓCHINOV, 2013). A escolha dessa metodologia é embasada na oportunidade de explorar, de maneira abrangente, a interação complexa de vozes e significados presentes na linguagem fílmica. Isso se torna particularmente interessante quando o objeto de estudo envolve a relação entre a narrativa de “Avatar” e a Educação Ambiental Crítica.

Ao considerar o filme como uma construção humana que atravessa gerações, elaborada por meio de uma linguagem específica inserida em um contexto temporal e espacial definido (BERNARDET, 2017), ressalta-se que a comunicação proposta pela obra pode refletir os mesmos dois momentos discutidos anteriormente: a enunciação presente no filme e a compreensão por parte dos telespectadores. Essa abordagem possibilita a exploração minuciosa de como os elementos simbólicos e culturais são empregados na construção da narrativa cinematográfica, promovendo, assim, uma análise mais aprofundada das mensagens veiculadas e contribuindo para uma compreensão mais abrangente do conteúdo.

A interpretação que os telespectadores têm do filme está vinculada à ideia de que “todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 184). Dessa maneira, a análise não se restringe unicamente ao filme, estendendo-se à interconexão do filme com outros discursos presentes na sociedade. Essa abordagem ampliada propicia uma compreensão mais contextualizada das mensagens transmitidas, ao considerar o filme como parte de um diálogo mais amplo que pode ocorrer nos panoramas cultural e social.

A escolha pela metodologia qualitativa e a abordagem dialógica não só proporcionam uma análise das narrativas presentes no filme, mas também expandem as possibilidades de interpretação ao considerar as respostas que o filme busca evocar e os diálogos que estabelece com as questões ambientais. No âmbito da Educação Ambiental Crítica, essa abordagem possibilita uma análise mais abrangente das representações ambientais no filme, identificando como essas mensagens são enunciadas e podem



ser recebidas pelo público, promovendo assim uma compreensão mais completa das complexidades envolvidas nas mensagens veiculadas pelo filme.

Desta forma, ao ampliar o escopo metodológico e teórico-metodológico do estudo, buscamos não apenas realizar uma análise isolada do filme, mas inseri-lo em um contexto mais amplo de discursos alinhados à Educação Ambiental Crítica. Essa abordagem não somente pode contribuir para uma compreensão mais abrangente das complexidades presentes nas mensagens ambientais veiculadas pelo filme, mas também promover uma discussão mais substancial sobre a interseção entre a arte cinematográfica e a EA. Ao considerar o filme como parte de um diálogo mais amplo, conseguimos explorar suas nuances e significados dentro de um contexto mais amplo de preocupações ambientais e sociais.

Assim, a metodologia empregada nesta pesquisa pode fornecer estrutura para a análise do filme, e proporciona uma conexão entre a Arte e a Educação Ambiental Crítica. Esta abordagem pode ampliar as possibilidades de interpretação do filme, mas também contribuir para uma análise mais abrangente das representações ambientais presentes em “Avatar”. Ao adotar uma metodologia para além da análise fílmica, somos capazes de mergulhar nas mensagens ambientais transmitidas pela obra, situando-as em um contexto mais amplo de discussões críticas sobre a relação da sociedade no e com o ambiente.

Sobre o filme Avatar (2009)⁵, dirigido por James Cameron, é importante informar que é ambientado no ano 2154, Jake Sully, um ex-fuzileiro naval paraplégico, é enviado ao planeta Pandora, onde os humanos buscam explorar um mineral valioso chamado unobtanium. Pandora é habitada pelos Na’vi, uma espécie humanóide que vive em harmonia com a natureza e possui uma profunda conexão ao seu ecossistema. Jake se une a um programa científico que usa “avatars”, corpos híbridos criados a partir de DNA humano e Na’vi, para interagir com os nativos. Inicialmente, sua missão é ganhar a confiança dos Na’vi e facilitar a extração do mineral, mas ele acaba se envolvendo emocionalmente com o seu modo de vida.

À medida que os humanos decidem usar a força para dominar Pandora, Jake se vê dividido entre sua lealdade original e seu novo vínculo com os Na’vi. Ele se junta aos nativos para proteger o planeta. O filme aborda temas relevantes para a discussão com a Educação Ambiental, aliados a efeitos visuais revolucionários. Avatar (2009) se tornou um marco do cinema, sendo um dos filmes mais lucrativos da história e um exemplo de inovação tecnológica com o uso de captura de movimento em três dimensões.

3. Resultados e Discussão

Ao integrar-se à cadeia ininterrupta de enunciados, o filme analisado não apenas responde a elementos preexistentes, mas também instiga a discussão sobre outros discursos. Nesse contexto, destacaremos três enunciados que surgiram da análise do filme: “Exploração desenfreada da natureza”, “Ser humano como parte integrante e constituinte da natureza” e “As veias abertas de Pandora”. Cada

5 A película está disponível na plataforma da Disney Plus e pode ser acessada (requer assinatura) no link: <https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/avatar/2YOnkRN4LwZZ?distributionPartner=google>.



um desses enunciados será descrito e examinado, ao proporcionar uma análise de mensagens presentes no filme. Ao expandir a discussão para além de suas fronteiras, nosso objetivo é explorar as implicações desses enunciados na compreensão mais ampla das questões ambientais e sociais.

A exploração desenfreada da natureza emerge como um tema central, evidenciando as intrincadas dinâmicas entre a humanidade e o ambiente. A abordagem do filme em relação ao ser humano como parte integrante e constituinte da natureza instiga uma reflexão sobre a interconexão vital entre ambos. A metáfora das “veias abertas de Pandora” não apenas ilustra de maneira simbólica, mas também nos incentiva a refletir sobre a exploração descontrolada e as repercussões ambientais. Exploraremos agora cada um desses elementos, desdobrando possíveis nuances e revelando as camadas de significado que podem contribuir para a riqueza da narrativa fílmica.

Assim, cada enunciado, ao surgir da trama cinematográfica, pode iniciar uma cadeia de reflexões e diálogos, enriquecer a compreensão das mensagens veiculadas e suas implicações na esfera da Educação Ambiental Crítica. Esta dinâmica intrínseca ao filme não apenas proporciona um terreno fértil para debates, mas também pode ressaltar a capacidade da obra em transcender sua forma artística e adentrar a discussão de uma Educação Crítica na Formação de Professores ou até na Educação Básica.

3.1 Exploração desenfreada da Natureza

O filme retrata um cenário futurístico no qual os seres humanos exploram Pandora em busca de um minério chamado Unobtanium. Na chegada do protagonista, observam-se grandes máquinas de mineração, o que evidencia significativo investimento na empreitada. Essas máquinas simbolizam a busca pelo recurso mineral, com destaque à seriedade e os recursos alocados na exploração espacial. Essa cena inicial ilustra a magnitude da operação, e contextualiza o ambiente de pesquisa e extração do Unobtanium.

No decorrer da narrativa, evidencia-se que a exploração em Pandora pelos seres humanos ocorre sem considerar os habitantes locais, os Na'vis. Conforme relatado pelo personagem encarregado da exploração, a notícia da morte dos habitantes não é tão preocupante quanto a possibilidade de prejuízo para os acionistas. Essa perspectiva revela a verdadeira intenção da Empresa, que visa prioritariamente o lucro na exploração do ambiente, negligenciando as questões socioambientais locais. Isso destaca um conflito ético entre a busca por ganhos financeiros e a preservação do meio ambiente e das comunidades nativas, criando um dilema central no enredo.

Apesar dos apelos persistentes dos personagens principais por mais tempo nas negociações com os nativos, a Empresa toma a decisão de destruir a região habitada pelos Na'vis. Esse local, coincidentemente, abriga a maior jazida do minério desejado, e a ação envolve a derrubada de uma árvore imensa. O método escolhido para a remoção dos habitantes inclui o uso de bombas de gás para dispersão e mísseis para destruir sua estrutura central. O General responsável pela operação justifica essa medida como a opção mais “humana”. Essa afirmação, combinada com cenas que fazem referência ao planeta Terra, pode instigar reflexões críticas sobre como a sociedade capitalista frequentemente prioriza a exploração de recursos



naturais em detrimento da preservação ambiental e, de maneira análoga, pode remeter a problemáticas ambientais associadas a gestões governamentais, como no caso do governo de Jair Bolsonaro no Brasil⁶.

Diante da modesta narrativa exposta, na qual se torna evidente o motivo que desencadeou a discussão sobre a exploração desenfreada da natureza, adentramos a uma reflexão que transcende a compreensão do fato. Conforme nosso referencial teórico, percebemos que homens e mulheres mantêm uma relação dialética com a natureza, considerando-a como a fonte primordial do trabalho, como postulado por Marx (2017). O autor, adicionalmente, ressalta que a produção humana não é possível sem a interação com a natureza.

Dentro desse contexto, o trabalho, conforme a perspectiva de Trein (2012), é caracterizado como a transformação intencional e material do ambiente circundante, onde os sujeitos planejam e executam suas ações de forma a moldar ativamente o meio ao seu redor. Essas considerações podem se entrelaçar de maneira relevante com a trama apresentada, provocando reflexões sobre como as ações na história refletem a interdependência entre seres humanos e o ambiente, delineando, assim, as bases fundamentais para uma análise crítica.

Com o Capitalismo e os progressos científicos e tecnológicos que se integraram a esse sistema, a concepção do trabalho como meio de produção da existência humana passou por transformações significativas (IBIDEM). Dessa forma, as oportunidades de mercantilização tanto dos recursos naturais quanto do próprio trabalho humano, visando à reprodução do capital, tornaram-se cada vez mais prevalentes. Como resultado, a exploração desenfreada da natureza alcançou níveis alarmantes, refletindo a crescente influência do capitalismo na relação entre a sociedade, o meio ambiente e os meios de produção. Essa conjuntura evidencia a complexidade das interações entre o sistema econômico predominante e a sustentabilidade ambiental, ressaltando a necessidade crítica de avaliar as implicações dessa dinâmica para o equilíbrio socioambiental global.

A exploração ambiental evidenciada no filme se conecta à representação das poucas cenas que mostram o planeta Terra, ou quando este é mencionado. Nessas breves inserções, é retratado um cenário de colapso, no qual os recursos naturais, e a natureza em sua totalidade, encontram-se exauridos. Embora seja uma obra de ficção, essa representação suscita reflexões profundas, alinhadas ao argumento apresentado por Santos e Silva (2017) em sua análise do mesmo filme. Os autores destacam que, à medida que os seres humanos enfrentam uma crise ambiental marcada pela escassez de recursos vitais para a sobrevivência, essa situação pode desencadear consequências graves e impactantes. O enredo, ao pintar um quadro tão desafiador e hipotético, incita a consideração crítica das interações entre a sociedade e o meio ambiente,

6 Como exemplo, podemos citar algumas medidas de seu Ministério do Meio Ambiente, quando o país registrou números recordes em desmatamento e queimadas, além de demorar mais de quarenta dias para agir no que foi considerado o maior desastre ambiental no litoral do Brasil.

Outra ação foi decretar o fim do Fundo Amazônia, perdendo bilhões de reais em investimento, e deixou de ser protagonista em negociações internacionais sobre o clima. Provocou também o desmonte de órgãos de fiscalização ambiental do país, quando IBAMA e ICMBio passaram por mudanças estruturais. Além disso, a partir de 2019, houve registro recorde no número de agrotóxicos liberados no país (em 2019 foram 474 e em 2020, 493) pelo Ministério da Agricultura.



provocando uma ponderação sobre as implicações de práticas predatórias e a necessidade urgente de medidas sustentáveis para garantir o equilíbrio ambiental e a continuidade da vida humana no planeta.

Para obter acesso aos novos recursos, no caso o minério alienígena, os seres humanos inicialmente buscam negociar a transferência pacífica dos nativos do local onde residem. Entretanto, diante da resistência dos habitantes locais, a desapropriação não se concretiza de maneira amigável. Em um ponto crucial do filme, o líder administrativo da expedição declara enfaticamente que os nativos “precisam aprender que não paramos”. Essa afirmação revela uma postura determinada e, ao mesmo tempo, indicativa da abordagem incisiva adotada pelo Capital na busca por recursos desejados. A insistência na exploração, mesmo diante da oposição dos nativos, ilustra a priorização dos interesses econômicos sobre considerações sociais, provocando uma reflexão crítica sobre os métodos utilizados em prol do ganho material.

Essa dinâmica entre os seres humanos e o povo nativo também evoca paralelos com a colonização do Brasil, em que os portugueses chegaram com a intenção de explorar a terra em busca de metais preciosos, um contexto similar ao apresentado no filme quando os humanos viajam até Pandora em busca do Unobtainium (CASTRO e FERNANDES, 2014). Assim como os povos originários brasileiros, o povo Na'vi vivencia uma relação distinta com a natureza, uma temática que será abordada no próximo enunciado deste trabalho. Essas conexões históricas destacam como a exploração desenfreada em busca de recursos muitas vezes replica padrões coloniais, e impacta negativamente tanto as comunidades nativas quanto o seu ambiente em questão.

3.2 Ser Humano como parte integrante e constituinte da Natureza

No filme, conforme mencionado anteriormente, são apresentados os Na'vi, humanoides nativos de Pandora. Diferentemente dos seres humanos da Terra, os Na'vi mantêm uma relação íntima com a natureza, evidenciada em sua forma de vida que depende diretamente dos recursos naturais para a sobrevivência. Eles caçam, possuem conhecimento de suas espécies, convivem harmoniosamente no e com seu ambiente e desenvolvem uma conexão profunda com a natureza, aspectos que ecoam as relações existentes entre os povos originários do Brasil.

Além dessa ligação afetiva, o filme também introduz uma conexão física denominada *Tsaheylu*, na qual os nativos estabelecem uma ligação direta, uma conexão neural, com a natureza. Essa representação destaca a complexidade da interação entre os Na'vi e seu ambiente, salientando a importância da compreensão e respeito pela natureza em suas múltiplas dimensões, uma reflexão que pode ser estendida às relações históricas e contemporâneas entre as sociedades humanas e os ambientes que habitam.

Além disso, como evidenciado no enunciado anterior, as relações entre seres humanos e Na'vi eram marcadas por conflitos, refletindo a falta de respeito dos seres humanos pela maneira como esses povos interagem com o ambiente, entre si e consigo mesmos. Em determinado momento, o administrador da expedição expressa frustração ao afirmar que tentaram diversas abordagens com os nativos, ao mencionar ter oferecido “medicina, educação, estradas... eles querem lama”. Essa declaração ilustra claramente que



os seres humanos não consideram a importância do ambiente para os Na'vi, evidencia uma falta de compreensão e respeito pela perspectiva cultural e ambiental dos habitantes locais. Esse descompasso de valores e prioridades intensifica o conflito entre as duas comunidades, sublinhando as ramificações negativas resultantes da exploração desenfreada e da imposição de valores culturais externos sobre comunidades que mantêm uma relação intrínseca com seu ambiente.

É relevante destacar que no estudo científico apresentado no filme, os seres humanos utilizam uma tecnologia que permite a transferência de suas consciências para corpos geneticamente desenvolvidos, tornando-os fisicamente idênticos aos corpos dos Na'vi. Em uma fala marcante do protagonista, ele relata que, ao conviver com os nativos, aprendeu a discernir os “cheiros e sons mais sutis da natureza”. Essa habilidade foi adquirida após ter sido aceito na tribo, ao afirmar que sua mente não estava “cheia” como a dos demais humanos que tentaram se aproximar anteriormente, indicando que ele estava aberto para aprender com os nativos.

A postura receptiva e respeitosa para com a cultura e a conexão com a natureza dos Na'vi foi fundamental para a integração bem-sucedida do protagonista na comunidade. Essa reflexão ressoa com a necessidade de abertura e aprendizado mútuo nas interações entre diferentes culturas e sociedades, bem como destaca a importância de reconhecer e valorizar o conhecimento das comunidades tradicionais.

Uma passagem marcante que suscita a discussão proposta é quando o administrador afirma desconhecer a preocupação dos cientistas com o local onde os habitantes vivem ou com a divindade representada pelo nome de Eywa, pois, para ele, são apenas “umas malditas árvores”. Essa declaração demonstra uma visão reducionista e desprovida de compreensão em relação à importância do ambiente para os Na'vi, ao revelar a falta de apreciação pela conexão sagrada que mantêm com a natureza e com sua divindade.

Outro elemento intrigante discutido durante a análise do filme é a forte relação que os seres humanos estabelecem com as máquinas e robôs ao longo da narrativa. Não aprofundaremos essa discussão neste trabalho, mas essa observação nos incita a reflexões sobre o distanciamento contemporâneo da natureza, especialmente na era digital em que vivemos. A presença marcante de máquinas na trama sugere uma possível analogia com a sociedade atual, onde a tecnologia frequentemente ocupa um papel central, suscitando questões sobre como a dependência excessiva de dispositivos tecnológicos pode contribuir para a desconexão do ser humano com a natureza.

De acordo com Santos e Silva (2017), o filme Avatar destaca um comportamento de preservação e pertencimento adotado pelo povo Na'vi. Essa abordagem contrasta com a cobiça dos humanos pela exploração das riquezas minerais, caracterizada pela busca incessante de “lucro por lucro”. A postura dos Na'vi, marcada por uma conexão profunda e respeitosa com a natureza, destaca-se pela consideração das consequências a longo prazo e pela compreensão da ligação vital do povo nativo com o seu ambiente. Essa divergência ressalta a importância de considerar abordagens sustentáveis na gestão dos recursos naturais, sublinhando a interdependência crucial entre as sociedades humanas e o meio ambiente.



Essas questões proporcionam uma reflexão profunda sobre a relação humana com a natureza e a importância dessa relação para a compreensão dos meios de produção e seus impactos no meio ambiente. Nesse contexto, Trein (2012) destaca que a relação contemporânea do ser humano com a natureza é caracterizada pela dominação e exploração, evidenciando como a humanidade utiliza os recursos naturais, causando impactos significativos em toda a natureza. A análise crítica dessas interações ressalta a necessidade urgente de repensar e revolucionar práticas e políticas que levem em consideração a sustentabilidade e o equilíbrio ambiental, reconhecendo a interconexão essencial da sociedade com e no Ambiente.

A dominação e a exploração estão intrinsecamente vinculadas ao modelo econômico capitalista, cujas características contribuem para que as relações se desenvolvam de maneira exploratória. Nessa perspectiva, a relação do ser humano com a natureza é permeada por contradições, pois, ao invés de uma relação dialética, o sistema capitalista estabelece uma relação de oposição, colocando homens e mulheres em antagonismo à natureza (TOZONI-REIS, 2004).

Esse embate revela a necessidade de repensar e reestruturar os paradigmas econômicos que orientam a interação entre a sociedade e o meio ambiente, em busca de um modelo mais justo socialmente, sustentável e harmônico, a fim de superar as dicotomias prejudiciais que perpetuam a exploração e a degradação ambiental. A consequência dessa relação exploratória entre os seres humanos e a natureza resultou no desenvolvimento de uma visão em que homens e mulheres são considerados separados dela, incapazes de enxergar além da exploração e dominação (TREIN, 2012).

É crucial que os indivíduos reconheçam sua conexão intrínseca com a natureza, seguindo a abordagem dos nativos de Pandora em relação ao ambiente em que vivem, e evitem uma visão isolada, semelhante à predominante nos seres humanos que exploram o planeta e nos colonizadores do nosso país. Esse entendimento pode inspirar mudanças de mentalidade e práticas que promovam a coexistência sustentável entre a sociedade e o meio ambiente.

3.3 As veias abertas de Pandora

Pensamos que a possibilidade de estabelecer um paralelo entre a obra cinematográfica “Avatar” e o processo histórico de colonização em nosso país, estendendo-se por toda a América Latina, pode oferecer uma perspectiva rica e significativa. A reflexão sobre o filme sob o viés da Educação Ambiental Crítica pode proporcionar oportunidades para explorar elementos que colaborem com a compreensão de nossa realidade.

Além dos enunciados previamente apresentados, consideramos que este terceiro suscita discussões que possibilitam uma aproximação entre a ficção e nossa prática social. Ou seja, a partir da temática apresentada na película, conseguimos refletir sobre o processo histórico de formação de nosso país, marcado tanto pela exploração dos recursos naturais quanto pela exploração de seres humanos.

Ao longo de nossa história, conforme apontado por Eduardo Galeano (2019), a forma como fomos colonizados expôs nossas veias, o que figurativamente indica que tudo o que era possível ser retirado



da terra (e debaixo dela) foi explorado; inclusive, o sangue de nossos povos originários correu para a concretização dessa exploração. Essa reflexão sobre o passado lança luz sobre as raízes das desigualdades presentes, provocando uma análise crítica dos impactos duradouros desse processo na sociedade atual.

Quando introduzimos as discussões ambientais sob uma perspectiva social, somos capacitados a ponderar e debater sobre as razões que perpetuam a exposição de nossas veias. Em outras palavras, é possível compreender os motivos pelos quais a natureza e a classe trabalhadora continuam a ser exploradas em detrimento do acúmulo de capital nas mãos de poucos. Essa dinâmica, como evidenciado em nossa história, é ressaltada por Darcy Ribeiro, ao afirmar que

Todos nós, brasileiros, somos carne da carne daqueles pretos e índios supliciados. Todos nós brasileiros somos, por igual, a mão possessa que os supliciou. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram para fazer de nós a gente sentida e sofrida que somos e a gente insensível e brutal, que também somos. Descendentes de escravos e de senhores de escravos seremos sempre servos da malignidade destilada e instalada em nós, tanto pelo sentimento da dor intencionalmente produzida para doer mais, quanto pelo exercício da brutalidade sobre homens, sobre mulheres, sobre crianças convertidas em pasto de nossa fúria.

A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista. Ela é que incandesce, ainda hoje, em tanta autoridade brasileira predisposta a torturar, sevir e machucar os pobres que lhes caem às mãos. Ela, porém, provocando crescente indignação, nos dará forças, amanhã, para conter os possesores e criar aqui uma sociedade solidária (2015, p. 91).

Ao compreendermos nosso processo histórico, tendo o filme como referência, abre-se a possibilidade de pensamento e intervenção em nossa realidade. Podemos vislumbrar uma nova abordagem para a organização da sociedade, quando ponderamos sobre uma estrutura que valorize os aspectos sociais em detrimento da acumulação de capital nas mãos de poucos. Este redirecionamento busca evitar a exploração, o extermínio de comunidades inteiras e o massacre de suas culturas, elementos que permeiam (permeiam) nossa história e que demandam uma revisão crítica para a construção de uma sociedade mais justa e que supere a organização capitalista.

Considerações finais

Ao longo da análise proposta, nosso objetivo foi imergir nas possibilidades de reflexão a partir do filme “Avatar” (2009), de James Cameron, com a finalidade de extrair enunciados que propiciassem discussões significativas sobre Educação Ambiental e contribuíssem para uma compreensão mais abrangente da realidade. Embora o filme seja uma obra de ficção, a análise revelou sua capacidade de servir como ponto de partida para reflexões sobre questões atuais de nossa sociedade, urgentes e reais, que lançam luz sobre as complexas relações sociais no contexto ambiental.



Com a capacidade de exemplificar essa relação entre ficção e realidade, o filme aborda questões que ecoam os desafios enfrentados pela política ambiental brasileira entre os anos de 2019 e 2022, destacando o desmatamento e o descaso do Ministério do Meio Ambiente. As palavras do ex-presidente Jair Bolsonaro, expressando a recusa em demarcar terras para povos originários e quilombolas, ressoam de maneira alarmante, assim como a trágica perseguição e execução de líderes indígenas e pessoas que atuam pela preservação de suas comunidades e de seu ambiente, como o indigenista Bruno Pereira (no ano de 2022), e tantos outros ao longo de nossa história.

Ao identificarmos três enunciados possíveis que surgiram durante a análise, proporciona-se embasamento para discussões sobre a Educação Ambiental Crítica. O primeiro enunciado aborda a exploração desenfreada da natureza, que destaca a destruição da Terra e a exploração contínua de Pandora, mesmo diante da presença de nativos dependentes da natureza para viver e sobreviver.

A Terra, no filme, é apresentada como um planeta já devastado, um reflexo direto das práticas predatórias da humanidade. Esse contexto ressoa com a realidade, em que vemos o desmatamento e a exploração descontrolada de recursos naturais, revelando uma urgência em repensar nossas práticas ambientais.

Ao direcionar nosso olhar para Pandora, testemunhamos uma exploração insensível por parte dos humanos, que, mesmo diante de sua riqueza natural, ignoram a conexão vital entre os nativos e o ambiente. Esse enunciado levanta questionamentos sobre a relação humana com a natureza, especialmente quando os interesses econômicos prevalecem sobre a preservação ambiental e a questão social.

O segundo enunciado ressalta a necessidade de os sujeitos se reconhecerem como parte integrante da natureza. Em Pandora, observamos personagens que vivem e interagem com o ambiente de maneira diferente dos seres humanos, e demonstra uma conexão íntima e respeitosa com a natureza que dificilmente acontece na narrativa terrestre.

A dualidade entre a abordagem dos seres humanos e dos nativos de Pandora destaca a importância de uma relação simbiótica entre homens e mulheres e a natureza. Enquanto os seres humanos buscam explorar e dominar, o povo nativo de Pandora cultiva uma relação de respeito e equilíbrio, evidenciando a necessidade de repensarmos nossa abordagem em relação ao meio ambiente.

O terceiro enunciado pode surgir como uma síntese dos anteriores, traçando paralelos entre o processo de colonização no Brasil e as ações das empresas em Pandora. Ambos são impulsionados pela exploração desenfreada da natureza, ignorando a conexão intrínseca do ser humano com o meio ambiente, seja na Terra ou no planeta distante.

Ao contextualizar a exploração desenfreada da natureza com os eventos históricos de colonização, o filme lança luz sobre as consequências nefastas dessa abordagem, e demonstra que a busca implacável por lucro pode resultar em danos irreparáveis ao meio ambiente e às comunidades locais.

Ao estabelecer esse diálogo entre a Arte e a Educação Ambiental Crítica, percebemos que as discussões suscitadas têm o potencial de contribuir para uma compreensão da realidade em sua totalidade. Este encontro transcende o espaço ficcional do filme, alimentando uma reflexão profunda sobre nossa



sociedade e nosso papel na transformação dessa realidade. A capacidade da Arte em (trans)formar homens e mulheres, expandindo seu conhecimento e incitando à ação, é ressaltada como uma “ferramenta” poderosa para moldar uma sociedade menos desigual e mais atenta às questões sociais e ambientais.

Ao considerarmos os desafios de nossa realidade atual, como as crises ambientais e sociais, torna-se claro que a interseção entre Arte e Educação Ambiental Crítica pode ser importante para a formação de homens e mulheres como seres humanos e lutar pelo desenvolvimento de uma consciência coletiva. O filme “Avatar” (2009), de James Cameron, não apenas nos proporciona uma janela para reflexão, mas também atua como um catalisador para a ação, instigando-nos a repensar nossas relações com o meio ambiente e a sociedade.

Diante disso, encerramos este trabalho convictas e convictos de que o diálogo entre a Arte e a Educação Ambiental Crítica pode não apenas enriquecer nosso entendimento da interação humana com o ambiente, mas também oferece uma bússola para ações concretas na busca por uma sociedade mais justa, sustentável e consciente. Este trabalho, ao desvelar as camadas do filme, ressalta a importância de considerarmos a Arte como uma aliada valiosa na construção de um futuro mais equitativo e ambientalmente responsável, na tentativa de superação da sociedade capitalista, ou seja, na construção de uma sociedade socialista.

Referências

- AVATAR. Diretor: James Cameron. Produção de Lightstorm Entertainment. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. *Iskusstvo i Otvetstvennost* (Arte e Responsabilidade). Den Iskusstva. Nevel, 1919, 13, centiabria, c. 3-4. Tradução para fins didáticos de Marco A. Villarta-Neder. 2020. Mimeo.
- BARBOSA, Ana Mae. As mutações do conceito e da prática. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2017.
- CASTRO, Nathália Santos de; FERNANDES, Marilena Julimar. A colonização brasileira a partir do filme Avatar. **Anais do Simpósio Nacional de História da UEG e Fórum de Ensino de História**, v. 3, n. 1, p. 124-143, 2014.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Sergio Faraco. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.
- LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, n. 1, p. 23–40, jan. 2014.
- MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão; MARTINS, Ligia Marcia. CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES. **Germinal:**



marxismo e educação em debate, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 97–105, 2013. DOI: 10.9771/gmed.v5i2.9702. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9702>. Acesso em: 15 ago. 2019.

MARX, Karl. **O capital**. Livro 1; tradução de Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 30-37.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 3 ed. São Paulo: Global, 2015.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. Caminhos metodológicos. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Wagner José dos; SILVA, Ivanderson Pereira da. Potencialidades do filme de ficção Avatar para a alfabetização científica dos sujeitos no contexto da educação básica. **Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, v. 13, n. 28, p. 51-63, 2017

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Educação Ambiental**: natureza, história e razão – Campinas, SP. Autores associados, 2004. (Coleção educação contemporânea).

TREIN, Eunice Schilling. A educação ambiental crítica: crítica de quê?. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 7, n. 14, 2012.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. A construção da enunciação. In: VOLÓCHINOV, Valentín Nikoláievitch (Org.). **A construção da Enunciação e Outros Ensaio**s. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013, p. 157-188.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].